

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella



REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE¹

RE-READING THE THEORETICAL CONCEPT OF POLARIZATION, AGGLOMERATION, AND CENTRALITY

Nilton Marques de Oliveira
Professor do Curso de Economia
UFT
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

RESUMO

Este ensaio tem o objetivo realizar um levantamento teórico das principais abordagens da economia regional referentes às teorias da aglomeração, centralidade e polarização. As mesmas descrevem o mecanismo dinâmico de auto reforço resultante de externalidades devido à aglomeração de indústrias. Para tanto, utilizou-se de um ferramental metodológico exploratório e a guisa da literatura. A teoria de polarização remetem a François Perroux e sua abordagem é sobre indústria motriz e polo de crescimento. A teoria de aglomeração, das atividades produtivas, é fruto da introdução do espaço na análise econômica. A centralidade demonstra a organização e hierarquização do espaço, também apresenta o padrão de formação da rede de cidades e o papel da especialização de cada uma delas. Conclui-se que a questão principal na

¹ A primeira versão deste ensaio foi apresentado no II Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade – SEDRES, realizado em Campina Grande (PB), de 13 a 15 de agosto de 2014. Teve apoio financeiro da CAPES.

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira

Udo Strassburg

Daiane Marani Gotardo

Jean Michel Vanzella

análise referente às teorias revisitadas está no elemento de conflito, visto que os mesmos, apesar de impulsionarem o aumento da renda e emprego em determinadas áreas, ao mesmo tempo tendem a intensificar as desigualdades e o caráter excludente do sistema produtivo.

Palavras-chave: Economia Regional; Polarização; Desigualdade Regional

ABSTRACT

This essay aims to perform a theoretical survey of the main approaches of the regional economy concerning to theories of agglomeration, centrality, and polarization. They describe the dynamic mechanism of self-reinforcing resulting from externalities due to the agglomeration of industries. Therefore, an exploratory methodological tool was used and by way of literature. The polarization theory alludes to François Perroux and his approach is about motive power industry and growing center. The agglomeration theory of productive activities is resultant of the introduction of space in economic analysis. The centrality shows the organization and hierarchy of space, also features the formation pattern of the cities' network and the specialization role of each of them. It is concluded that the main issue in the analysis regarding the revisited theories are inside the conflict element, because they tend to intensify inequalities and the exclusionary character of the production system, although propelling the increase income and employment in certain areas.

Keywords: Regional Economy; Polarization; Regional Inequality

Introdução

O principal objetivo deste ensaio é realizar um levantamento das principais abordagens da economia regional referentes às teorias da polarização, aglomeração e centralidade.

Foi o neoclássico Alfred Marshall que possibilitou através de seus trabalhos, a introdução do espaço como variável determinante na análise do comportamento econômico das regiões. Marshall (1985) observou que há fatores externos às atividades produtivas capazes de interferir no desempenho das mesmas. Segundo ele, existem três

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

principais fatores que afetam as atividades produtivas e que geram externalidades positivas, os quais estão relacionados com o espaço em que as mesmas estão inseridas, os quais são: a possibilidade de uma atividade produtiva obter mão de obra especializada e a um menor custo em regiões que haja concentração de outras atividades; a compra de matérias primas poderá ser facilitada pela proximidade com os fornecedores e, localizar-se próximo a outras atividades facilitaria a dispersão de informações (FERRERA DE LIMA, 2003).

Há um conjunto de teorias de desenvolvimento regional que passaram a surgir a partir de 1950, cuja ênfase está nos fatores de aglomeração de inspiração marshalliana, e no desenvolvimento de espaços subnacionais. Essas teorias abordam o mecanismo dinâmico de auto reforço resultante de externalidades devido a aglomeração de indústrias. Essas teorias procuravam compreender o crescimento regional utilizando conceitos relacionados à questão da aglomeração, (CAVALCANTE, 2007).

Mais recentemente, a produção em desenvolvimento regional com foco em fatores aglomerativos, abordam questões como a discussão sobre distritos industriais, ambientes inovadores e a nova geografia econômica. Algumas dessas teorias ainda estão em construção.

Apesar das teorias sobre economia regional, com atributos do espaço e das aglomerações em destaque, terem surgido apenas no século XX, sendo consideradas jovens em comparação a outras teorias, é sabido que a espacialidade é indispensável para a compreensão das diferentes formas que as economias se comportam em diferentes locais e para que se encontrem formas que possam reverter ou minimizar os efeitos intrínsecos do desenvolvimento capitalista, que tende a concentrar as atividades e a riqueza e excluir as classes e regiões menos favorecidas.

Isto posto, este artigo está dividido em cinco partes, além desta introdução, na seção 2 serão apresentadas as teorias sobre polarização e aglomeração; na 3 a teoria dos

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira

Udo Strassburg

Daiane Marani Gotardo

Jean Michel Vanzella

lugares centrais; na 4 faz-se uma discussão entre essas teorias e as desigualdades regionais, e por fim, as considerações finais.

Teorias Sobre Polarização e as Aglomerações

A economia regional e as teorias da polarização e aglomeração fazem parte de um estudo do ponto de vista econômico sobre a diferenciação e interrelação de áreas em um universo de recursos desigualmente distribuídos e imperfeitamente móveis (DUBEY, 1964). Essas abordagens teóricas partem do pressuposto de que para conseguir níveis mais altos de renda uma economia irá desenvolver pontos de crescimento durante esse processo. Isso significa que as desigualdades interregionais são condição inevitável e concomitante ao próprio processo de crescimento (HIRSCHMAN, 1958).

As teorias de polarização remetem a François Perroux e sua abordagem sobre indústria motriz e polo de crescimento. Perroux (1955) baseia seu estudo na premissa de que o crescimento não aparece simultaneamente em toda parte, mas “manifesta-se em pontos de crescimento, com intensidades variáveis, expande-se por diversos canais e com efeitos finais variáveis sobre a economia” (PERROUX, 1955). Um polo de crescimento complexo seria capaz de influenciar não só seu meio geográfico imediato, mas até mesmo outras regiões que se encontram próximas a ele (PERROUX, 1955).

Uma característica que simplifica o entendimento de polarização é que a definição de polo está ligada a noção de dependência entre o centro (polarizante) e a periferia (polarizada). Nesse contexto o espaço polarizado é heterogêneo, pois, o polo e as regiões próximas a ele que são polarizadas, não possuem as mesmas características, mas sim uma relação de dependência (FERRERA DE LIMA, 2003).

A teoria da polarização relaciona-se com a abordagem da teoria da localização,

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira

Udo Strassburg

Daiane Marani Gotardo

Jean Michel Vanzella

sobre aglomeração das atividades produtivas, ambas são frutos da introdução do espaço na análise econômica. Os polos urbano-industriais geram economias de aglomeração, o que por um lado é explicado pela interdependência das indústrias motrizes com as satélites e a comercialização de insumos e, por outro, pelas economias externas que surgem devido à infraestrutura existente nas aglomerações urbanas, da concentração dos consumidores e trabalhadores e variada oferta de serviços (SOUZA, 2009).

A análise sobre aglomerações produtivas é consequência de uma mudança de foco das temáticas regionais, em que o território passa a ser vislumbrado como um grande complexo produtivo e, a empresa passa a ser vista, não mais de maneira isolada, mas como um conjunto de empresas, localizadas em um mesmo território (VALE e CASTRO, 2010).

A economia de aglomeração se divide em duas vertentes, ambas relacionadas às economias externas a firma, a primeira é conhecida como economia de especialização/localização ou de Marshall-Arrow-Romer (MAR) e sugere que é a aglomeração de uma mesma indústria ou de indústrias correlatas em determinada Região proporcionadas pelo aumento da escala produtiva e pela transferência de conhecimento (*spillovers* informacionais) entre as firmas, as que mais contribuem para o bom desempenho de uma economia. A segunda vertente, as economias de urbanização/diversificação abordada por Jacobs (1969), apontam para as economias externas geradas pela concentração das atividades produtivas. Estas são resultado das vantagens proporcionadas pela concentração de atividades econômicas em uma Região, de diferentes indústrias que não são especializadas, mas sim diversificadas, ocorrendo o transbordamento de conhecimento entre elas, facilitando o surgimento de ideias e da inovação (GLAESER *et al.*, 1992).

Basicamente as duas vertentes da economia de aglomeração se distinguem por atribuir diferentes causas ao crescimento econômico das regiões. Para a economia de

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

MAR isso é resultado das economias externas geradas pela especialização produtiva. Segundo essa abordagem a proximidade entre indústrias correlatas faz com que as informações deixem de ser segredos, de modo que todos tenham acesso a elas, ocorrem o transbordamento de informações entre as indústrias correlatas, os *spillovers* informacionais, estimulando a concentração de indústrias que tenham a mesma especialização, gerando ganhos de escala (GALINARI *et al.*, 2007).

Por outro lado, na abordagem de Jacobs (1969) esses efeitos derivam das economias externas que ocorrem através das aglomerações urbanas (diversificação produtiva) (GALINARI *et al.*, 2007). Para a autora o mais importante nas economias de aglomeração são os conhecimentos que vem de fora das indústrias, o conhecimento que resulta da diversidade de atividades econômicas geograficamente próximas. Segundo Jacobs para expandir uma economia é necessário que novos tipos de trabalho sejam criados, economias que não agregam novos tipos de bens e serviços, não terão desenvolvimento econômico. Além disso, quanto maior o número de bens e serviços de uma economia, mais facilidade esta terá para acrescentar, ainda mais, novas atividades (JACOBS, 1969).

Outra abordagem relevante quanto às externalidades geradas pelas aglomerações produtivas é a discussão sobre distritos industriais, relacionado à vertente de especialização/localização ou de MAR. Distritos industriais podem ser definidos como sistemas produtivos locais caracterizados por um grande número de firmas que são envolvidas em vários estágios e em várias vias na produção de um bem homogêneo. Os distritos industriais apresentam vantagens derivadas da capacidade de especialização e interação existente no interior das aglomerações (VALE E CASTRO, 2010).

Em contraposição aos distritos industriais, a produção teórica da chamada nova geografia econômica foi capaz de fornecer um tratamento formal ao *trade off* entre ganhos de escala e custos de transporte (CAVALCANTE, 2007). Nos modelos

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira

Udo Strassburg

Daiane Marani Gotardo

Jean Michel Vanzella

desenvolvidos pela Nova geografia econômica, os retornos crescentes ao nível da firma, a diferenciação de produtos, o custo de transporte e a mobilidade dos fatores são determinantes centrais na definição do espaço econômico (FONTES, 2006).

Apesar dessas duas abordagens quanto à economia de aglomeração se confrontarem, ambas admitem e partem do pressuposto de que a concentração de atividades, sejam elas especializadas ou diversificadas, geram economias externas as firmas, podendo culminar em aumentos na renda dessas áreas concentradas. As economias de aglomeração explicam os motivos que levam as atividades motrizes e movidas a se aglomerarem, formando complexos industriais localizados (SOUZA, 2009).

Teoria dos Lugares Centrais

A região, no sentido geográfico, é composta por aglomerações, como já foi dito, ou seja, é uma organização espacial que possui aglomerações humanas em um espaço limitado e que demandam por atividades especializadas. Na região, cada aglomeração tem características próprias, com formas de vida diferenciadas, em função do grau de urbanização, da infraestrutura e das atividades ali desenvolvidas, sejam elas nos setores primário, secundário ou terciário (SINGER, 1990).

Já para Breitbach (1988, p. 18), a região representa a localização específica de atividades produtivas e características geográficas. Porém, a caracterização de região muda conforme as especificidades da sua territorialidade e os critérios de classificação do pesquisador.

Desta forma, as cidades procuram se organizar em redes de forma que a soma das transações efetuadas pelos diversos agentes, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas, possam fluir com certa intensidade para que o excedente possa ser oferecido para outras

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira

Udo Strassburg

Daiane Marani Gotardo

Jean Michel Vanzella

idades ou regiões. O grau de intensidade destas ações é que irá determinar a centralidade de um município em relação aos outros (SINGER, 1990). Nesse sentido, a integração torna-se uma das prerrogativas para se estabelecerem externalidades positivas na organização em rede e auferir um maior grau de cooperação entre as municipalidades.

O que envolve desde uma boa governança até um perfil mais equitativo na distribuição e nas inter-relações produtivas no espaço regional (FERRERA DE LIMA, 2010). Para analisar as inter-relações entre os espaços urbanos e sua área de influência, surgiu a teoria dos lugares centrais.

A teoria do lugar central afirma que o desenvolvimento e o crescimento das áreas urbanas dependem do tipo de serviço fornecido ao seu entorno. Ou seja, as áreas de mercado de cada aglomeração urbana. A partir das áreas de influência, estabelece-se a hierarquia das aglomerações no espaço regional. Ou seja, quanto maior a centralidade, maior a área de influência e mais aglomerações na “órbita” de um centro (CHRISTALLER, 1966).

A centralidade, além de demonstrar a organização e hierarquização do espaço, também apresenta o padrão de formação da rede de cidades e o papel da especialização de cada uma delas nessa rede. A especialização em diversas atividades é o que determinará o crescimento e desenvolvimento como um centro ou uma centralidade. Quanto maior a área de influencia de uma aglomeração, maior a sua polarização. Nesse caso, a densidade tem um papel preponderante para determinar a polarização.

Em geral, o avanço dos lugares centrais ou polos dependerá da densidade, seja ela populacional, de nível de renda e do número de atividades produtivas, em particular do setor terciário (no caso da teoria dos lugares centrais). Como o setor terciário depende dos dois primeiros elementos, seu crescimento é um indicador natural da capacidade de polarização dos centros urbanos. No caso, o setor terciário compõe as

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

funções do lugar central, quais sejam: diversos tipos de comércio e serviços, desde serviços públicos, financeiros e bancários, especializados, grandes ou pequenos; religiosos e espirituais; de ensino em todos os níveis culturais; serviços de saúde etc.

De acordo com Christaller (1966), a hierarquização dos lugares centrais se dá como exposto na Figura 1.

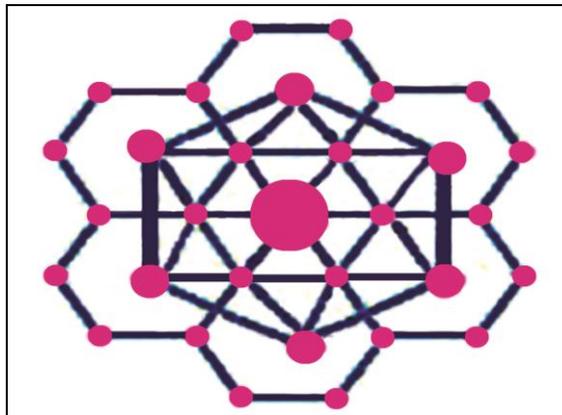


FIGURA 1- Centralidade dos Bens e Serviços e Hierarquia dos Lugares
Fonte: Christaller (1966, p. 66).

A Figura 1 mostra como Christaller (1966) teorizou a organização do espaço a partir dos lugares centrais. A figura demonstra que os centros se organizam conforme o tamanho e sua área de influência. No caso, as linhas representam as áreas de influência e os pontos, o tamanho das aglomerações. Quanto maior a aglomeração, maior a área de influência. No caso, o tamanho dos pontos indica também o posicionamento das aglomerações na hierarquia regional.

Os bens e serviços poderão ser consumidos por qualquer um, seja do lugar central ou de regiões complementares, só que o custo geral para obtenção destes serviços não será igual para todos, justamente pelo fator transporte e fricção espacial

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira

Udo Strassburg

Daiane Marani Gotardo

Jean Michel Vanzella

(tempo e restrições de deslocamento). Isto se torna uma restrição ao consumo e à mobilidade da força de trabalho.

Até o momento foram analisadas as teorias referentes aos polos de crescimento e aglomerações econômicas, as quais sugerem a concentração urbano-industrial devido às economias externas. Isso significa que existem forças que agem no sentido de concentrar população e atividades produtivas em determinadas áreas, são as forças centrípetas. Essas forças tornam a região concentrada atraente e constituem os elementos chave do processo cumulativo. Essas forças podem ser: maior oferta de mão de obra qualificada, proximidade com fornecedores, existência de mercado consumidor, redução de custos com transporte, dentre outros.

Polos, Aglomerações e Desigualdades Regionais

Como mencionado anteriormente, uma característica inerente dos polos de crescimento, assim como das economias de aglomeração, sejam elas de especialização ou de urbanização, é a relação de dependência interregional, promovendo o crescimento da economia, mas também elevando as concentrações econômicas. As economias externas geradas nos polos urbano-industriais aumentam o alcance das atividades do polo e isso eleva a posição competitiva da região central em detrimento das áreas periféricas. Essa característica dos polos e da aglomeração de atividades produtivas pode vir a explicar as diferenças existentes entre as regiões.

Durante muito tempo tinha-se o conceito de crescimento econômico como sinônimo de desenvolvimento. Essa visão levou muitas regiões a concentrarem seus esforços na promoção do crescimento econômico (renda), não considerando o que realmente remete ao desenvolvimento (OLIVEIRA, 2002). Era atribuído apenas incrementos ao nível de renda como condição para se chegar ao desenvolvimento, sem

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

se preocupar como tais incrementos seriam distribuídos.

Nesse sentido, a teoria de polos de crescimento de Perroux foi altamente implementada em países desenvolvidos e em desenvolvimento a partir da década de 1950. Pelo menos 28 países chegaram a implementar as estratégias de desenvolvimento regional baseadas nos polos de crescimento, dentre os quais estava Estados Unidos, França, Itália, Rússia (na época URSS) e Brasil. Como era de se esperar, a adoção de políticas baseadas na teoria dos polos de crescimento não garantiu que os países que a adotaram alcançassem o desenvolvimento, pelo contrário, nos países que a adotaram houve aumento da concentração regional das atividades econômicas, e os polos de crescimento de Perroux passaram a ser severamente criticados (CAVALCANTE, 2007).

O que ocorreu nesse contexto foi a simples característica do processo de crescimento: a concentração e a exclusão. O próprio Perroux (1977) já havia afirmado que o processo de crescimento é desequilibrado e não ocorre simultaneamente em todas as regiões e com a mesma intensidade, por outro lado, ocorre através de impulsos econômicos que são também desequilibrados entre as unidades produtivas.

Para que impulsos de crescimento econômico levem ao desenvolvimento deve-se considerar não apenas os incrementos da renda, mas como esses incrementos serão distribuídos. Para que o crescimento econômico se transforme em desenvolvimento, o mesmo deve vir acompanhado por melhorias no nível de vida.

Sendo assim, são considerados dois tipos de polos, os de crescimento e os de desenvolvimento. O polo de crescimento é o tratado por Perroux (1977), como um complexo industrial localizado, formado por atividades interdependentes, as quais surgiram a partir da instalação de uma indústria motriz. Os polos de crescimento, dependendo da distribuição geográfica dos seus efeitos de encadeamento e da abrangência de sua área de influência, podem ser locais, regionais, nacionais e internacionais (SOUZA, 2009).

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira

Udo Strassburg

Daiane Marani Gotardo

Jean Michel Vanzella

O polo de desenvolvimento pressupõe além das características presentes no polo de crescimento – as quais são condição necessária, mas não suficiente para que um polo seja de desenvolvimento – mudanças estruturais na região em que se localiza, com o encadeamento de atividades e de áreas interligadas ao polo principal. Em outras palavras, segundo Souza (2009), quando o crescimento do polo exerce efeitos líquidos positivos em sua área de influência, superando as ligações interindustriais, quando envolve atividades não ligadas tecnologicamente, como o setor de serviços, ele se transforma em um polo de desenvolvimento.

Considerações Finais

As definições a cerca das teorias de polos de crescimento e aglomerações urbano-industriais relacionam-se a uma característica do próprio sistema capitalista e do processo de crescimento econômico, que é a concentração das atividades produtivas e o aumento das diferenças regionais (e sociais) na medida em que o processo se intensifica, assim como a exclusão das áreas que não se adaptam a sua lógica de produção.

O objetivo do presente trabalho foi o de realizar um levantamento das principais abordagens da economia regional referentes às teorias da aglomeração, centralidade e polarização.

Além disso, procurou-se apresentar algumas abordagens referentes à utilização e incentivo ao surgimento de polos de crescimento para impulsionar o crescimento econômico e gerar desenvolvimento. No entanto a literatura destaca que os polos não são capazes por si só de engendrar o desenvolvimento das regiões, mas muitas vezes acaba intensificando as desigualdades. O crescimento desigual da região central em relação às regiões periféricas pode prejudicar o desempenho da economia como um todo, ou seja, pode representar menor desempenho do total da nação.

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

Nesse aspecto, procurou-se identificar quais fatores seriam capazes de transformar um polo de crescimento em um de desenvolvimento. Estes, por sua vez, mostraram-se de difícil especificação, visto que há inúmeras abordagens sobre o tema. Foram apresentadas então importantes contribuições sobre o assunto, possibilitando uma reflexão. O lugar central é aquele que tem o poder de influenciar uma região toda com a oferta de serviços especializados necessários para todos, proporcionando condições de qualidade de vida para a população em seu entorno.

Conclui-se que a questão principal na análise referente aos polos de crescimento e aglomerações urbano-industriais está no elemento de conflito presente nesses fatores, visto que os mesmos apesar de impulsionarem o aumento da renda e emprego em determinadas áreas, ao mesmo tempo tendem a intensificar as desigualdades e o caráter excludente do sistema produtivo.

Um dos aspectos que fazem com que o crescimento transforme-se em desenvolvimento é a integração entre as regiões, tornando os espaços mais homogêneos no que se refere a sua estrutura produtiva e a aspectos sociais.

O presente estudo representou um recorte analítico, visto o grau de importância da análise e a abundância de literatura sobre o tema. Seria oportuno a realização de estudo de polos, não só formados a partir de complexos industriais, mas de outros setores, ressaltando a ocorrência de polos de crescimento do setor de serviços.

Referências bibliográficas

BREITBACH, Á. C. M. **Estudo sobre o conceito de região**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1988

BRUE, S. L. **História do pensamento econômico**. Tradução da 6^o edição norte americana. São Paulo: Thomson e Learning, 2006.

CAVALCANTE, L. R. M. T. **Produção teórica em economia regional: uma proposta de**

REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO, AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

sistematização. **Revista brasileira de estudos regionais e urbanos**. Agosto, 2007.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice Hall, 1966.

DUBEY, V. The definition of regional economics. Tradução Rosamaria Roedel dos Santos. **Journal of Regional Science**, 5 (2): 25-9, 1964.

FERRERA DE LIMA, J. Integração e desenvolvimento regional: elementos teóricos. **Ideação**, Foz do Iguaçu, v.12, p.09 - 20, 2010.

FERRERA DE LIMA, J. A concepção do espaço econômico polarizado. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Vol. 4, N. 7, p. 7-14, Set. 2003.

FONTES, G. G. **Atributos urbanos e diferenciais regionais de salário no Brasil, 1991 e 2000**. Dissertação (mestrado). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2006.

GALINARI, R.; CROCCO, M. A.; LEMOS, M. B.; BASQUES, M. F. D. O efeito das economias de aglomeração sobre os salários industriais: uma aplicação ao caso brasileiro. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro: Instituto de Economia - UFRJ, v. 11, n. 3, p. 391-420, set./dez. 2007.

GLAESER, E. L.; KALLAL, H. D.; SCHEINKMAN, J. A.; SHLEIFER, A. Growth in cities. **The Journal of Political Economy**, v. 100, n. 06, p. 1126-1152, 1992.

HADDAD, P. R. Capitais intangíveis e desenvolvimento regional. **Revista de Economia**, v. 35, n. 3 (ano 33), p. 119-146, set./dez. 2009. Editora UFPR.

HIRSCHMAN, A. O. Interregional and International transmission of economic growth. In: **The strategy of economic development**. Tradução Rui Cesar dos Santos. New Haven, Yale University Press, 1958, p.183-201.

JACOBS, J. **The economy of cities**. Nova York: Random House, 1969.

KRUGER, R.; BUCKINGHAM, S. Towards a 'Consensual' Urban Politics? Creative Planning, Urban Sustainability and Regional Development. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 36.3 May 2012, p. 486-503.

**REVISITANDO O CONCEITO TEÓRICO DE POLARIZAÇÃO,
AGLOMERAÇÃO E CENTRALIDADE**

Nilton Marques de Oliveira
Udo Strassburg
Daiane Marani Gotardo
Jean Michel Vanzella

MARSHALL, A. **Princípios de economia**: tratado introdutório. Volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

OLIVEIRA, G. B. de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista FAE**. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 37-48, maio/ago. 2002.

PERROUX, F. Note sur la notion de pôle de croissance. **Tradução com permissão da Revista Brasileira de Estudos Políticos**. Economie appliquée, 1955.

PERROUX, F. - O Conceito de Pólos de Crescimento. In: SCHWARTZMAN, S. (Org.). **Economia Regional**: Textos Escolhidos. Belo Horizonte, CEDEPLAR, 1977.

SINGER, P. I., **Economia política de urbanização**. 12ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

SOUZA, N. J. de. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas S.A., 2009.

VALE G. M. V.; CASTRO, L. M. Clusters, arranjos produtivos locais, distritos industriais: reflexões sobre aglomerações produtivas. **Análise Econômica**. Porto Alegre, ano 28, n. 53, p. 81-97, mar. 2010.